

**SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 2
ANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ana Paula Garcia Barros

Itapeva-SP-Brasil

2014

**SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 2
ANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ana Paula Garcia Barros

Prof. Bruno de Souza Vespasiano

“Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva-FAIT como parte das obrigações para obtenção do título de licenciada em Pedagogia”

Itapeva- SP
Dezembro/2014
Folha de Aprovação

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo e Shirley, que me apoiaram em todos os

momentos para a realização desse meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus que me abençoou com saúde, força e fé para vencer mais essa batalha em minha vida.

Agradeço aos meus pais Paulo e Shirley que foram, sem sombra de dúvidas, meu esteio até esse momento, com o qual sempre sonhei.

As minhas queridas irmãs Ana Fernanda e Ana Beatriz que sempre me apoiaram.

Ao meu namorado Guilherme que me compreendeu e incentivou nos momentos em que precisei me dedicar aos estudos.

A minha tia Celia, uma pessoa que esta sempre presente em minha vida.

Enfim, a todos os professores que colaboraram com meu aprendizado, tanto profissional como pessoal.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry

A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO – Este trabalho tem como objetivo compreender como as relações afetivas na Educação Infantil, em especial na faixa etária de 0 a 2 anos são necessárias para o desenvolvimento da criança desde pequena. Tendo em vista que se buscou refletir sobre o significado da afetividade e de como Wallon contribui com seus estudos para o entendimento da importância da afetividade. Pode destacar o fato de que a relação entre professor e aluno é de grande importância para que a aprendizagem se efetive, sendo que a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica, por isso que nesse momento se fazem necessários os laços afetivos entre professor-aluno. Os educadores precisam compreender que o ato de ensinar requer afeto, quando há prazer em aprender, com certeza aprende-se melhor. Para a elaboração do presente trabalho foi realizado uma revisão bibliográfica, sendo que para a construção do presente texto foram selecionados textos de autores renomados na área, artigos nacionais retirados das bases de dados da Scielo e Google Acadêmico, os artigos e livros apresentados foram entre 1971 e 2006.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento. Educação Infantil

THE AFFECTIVITY AND DEVELOPMENT OF CHILDREN FROM 0 TO 2 YEARS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT - This study aims to understand how affective relationships in early childhood education, especially in the age group 0-2 years are necessary for the development of the child from an early age. Given that we sought to reflect on the significance of affection and how Wallon contributes his studies for understanding the importance of affectivity. Can highlight the fact that the relationship between teacher and student is very important for learning to become effective, and the Early Childhood Education is considered the first stage of basic education, so at that moment the emotional ties are needed between teacher -aluno. Educators need to understand that the act of teaching requires affection, when there is joy in learning, certainly learns best. For the preparation of this work, a literature review was performed, and for the construction of this text texts by renowned authors in the field, articles removed from national databases SciELO, and Google Scholar, articles and books were presented were selected from 1971 and 2006.

Keywords: Affection. Development. Early Childhood Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.1. A Afetividade sobre a visão de Wallon.....	20
2.2. O professor e sua influencia nas relações afetivas.....	22
2.3. A Afetividade e o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos.....	23
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	27
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERENCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Com o passar da história a criança tem conquistado mais espaço, tornando-se foco de estudos a respeito das particularidades da infância. As novas formas de pensar, as conquistas e os avanços da tecnologia colaboram para as novas maneiras de enxergar e refletir a respeito das crianças (ARANTES, 2002).

A partir do conhecimento de todas as relações familiares têm passado por transformações, dedicando-se cada vez mais ao trabalho e se afastando do seu ambiente familiar, não conseguindo assim dar a atenção necessária a seus filhos, sendo que a afetividade é extremamente importante para o desenvolvimento da criança (NERY, 2003).

É necessário refletir a respeito da afetividade na relação que existe entre professor e aluno na Educação Infantil, já que este profissional é responsável pela formação da criança desde muito pequena, sendo necessário ter uma relação de respeito e carinho para com seus alunos (ALMEIDA, 1999).

A Educação Infantil visa à criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivo-social e intelectual, mediante a proposição de atividades lúdicas que promovam a curiosidade e a espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações a partir do que já se conhece (NICOLAU, 1989).

Um ambiente afetivo permite à criança ter um crescimento saudável e aproveitar sua infância, contribuindo para que se torne um adulto criativo, participativo e equilibrado fisicamente e emocionalmente (KRAMER, 1999).

Para que o professor tenha um olhar diferenciado para cada criança é necessário, que a vendo como um ser único e complexo, que tem seu ritmo e isso deve ser levado em consideração (ARANTES, 2003).

Por isso, este trabalho aborda afetividade direcionada especificamente para a Educação Infantil, refletindo sobre de que forma a afetividade contribui com o

desenvolvimento infantil em especial nas crianças com idade de 0 a 2 anos, já que é necessária uma relação de carinho, compreensão e confiança, pois tudo isso leva a criança admirar o professor (NERY, 2003).

Num contexto geral é necessário realizar uma reflexão a respeito da afetividade e sua importância para o desenvolvimento infantil. Buscou-se salientar de maneira específica como o profissional da Educação Infantil compreende as relações afetivas, que hoje é vista como essencial para o sucesso dessa etapa da educação básica.

O trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância que a afetividade tem sobre o aprendizado da criança na Educação Infantil e nas relações entre professor e aluno, o qual favorece a interação da criança com o mundo a sua volta.

2. A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O termo afetividade nos oportuniza vários entendimentos a respeito de seu significado, pois envolve inúmeras manifestações, o qual envolve sentimentos (origem psicológica) e as emoções (origem biológica) (ARANTES, 2003).

Portanto, a afetividade se refere a um momento considerado tardio no desenvolvimento da criança, acontecendo a partir do momento que aparecem os elementos simbólicos (TASSONI, 2010).

Sabe-se que os conceitos de assimilação e acomodação são utilizados para se chegar à adaptação que são essenciais para o desenvolvimento integral da criança, pois a assimilação do indivíduo procura solucionar um momento a partir da estrutura cognitiva que já existe (SISTO & MARTINELLI, 2006).

Esse processo de assimilação representa a integração de aspectos e experiências aos esquemas antecipadamente estruturados, já a acomodação é a capacidade de modificação da estrutura mental para dominar um novo objeto do conhecimento, por isso a acomodação equivale ao elemento complementar das interações sujeito-objeto (PIAGET, 1982).

No que se refere aos processos de assimilação e acomodação se completam e estão presentes por toda a vida do indivíduo, os estágios e períodos do desenvolvimento infantil são caracterizados pelas diferentes maneiras do indivíduo relacionar-se com a realidade, de organizar seus conhecimentos (PIAGET, 1982).

Assim, destacam-se dois estágios do desenvolvimento: estágio sensório-motor (de 0 a 2 anos, aproximadamente): a atividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora, ou seja, neste período a criança não representa mentalmente os objetos, sua ação é direta sobre eles (PIAGET, 1982).

No estágio pré-operacional (de 2 a 7 anos, aproximadamente): a criança desenvolve a capacidade simbólica e surgem os primeiros sentimentos sociais, onde os principais instrumentos utilizados são a representação e a linguagem falada (PIAGET, 1982).

Esses estágios são o período de preparação para as operações concretas, as quais atingem as estruturas de inteligência sensório motoras para o pensamento operacional (PIAGET, 1990).

No decorrer do período sensório-motor, a criança interessa-se por seu ambiente imediato, coordenam movimentos e percepções para atingir metas em curto prazo, mas não é capaz de examinar com agilidade as possíveis ações, avaliar a eficácia de técnicas alternativas ou agir para alcançar uma meta distante no tempo ou no espaço (BEARD, 1978).

Assim, a criança é capaz de transitar entre o passado e o presente, ela apresenta consistência entre o gostar e o não gostar, sendo que outra forma de representação no qual as crianças do período pré-operatório se engajam é o jogo simbólico, um jogo de faz-de-conta (KRAMER, 1999).

A natureza do jogo simbólico é imitativa, mas ele é também uma forma de auto expressão, existe uma assimilação da realidade a mais do que uma acomodação do eu à realidade. De acordo com Piaget (1971):

O jogo simbólico é uma assimilação livre do real ao eu, tornada necessária pelo fato de que quanto mais a criança é jovem menos seu pensamento é adaptado ao real, no sentido preciso de um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. O jogo simbólico é a representação corporal do imaginário, é onde a criança exercita a sua capacidade de pensar, de representar simbolicamente as suas ações. O faz de conta vai permitir a criança recriar experiências da vida cotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos (PIAGET, 1971, p. 68).

A representação e a linguagem favorecem sentimentos e adquirem uma estabilidade e duração que não tinham antes, esta capacidade para conservar os sentimentos torna possíveis os sentimentos interpessoais e morais (ARANTES, 2003).

Assim, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, quando percebe que o raciocínio das crianças sobre questões morais são construídos do mesmo modo como os conceitos cognitivos (PIAGET, 1982).

No que se refere às relações entre o sujeito e o meio, consistem em uma interação radical, de tal modo que a consciência não começa pelo conhecimento

dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação das próprias coisas (PIAGET, 1971).

A afetividade significa o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou de prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza (ANDRADE, 2007).

Os inúmeros fenômenos que ocorrem devido às transformações das emoções em sentimentos, possibilitam a representação, que envolve a transferência para o plano mental, permitindo que os sentimentos apresentem durabilidade e ponderação (WALLON, 1968).

No que se refere à afetividade, entende-se que esta é o território das emoções, das paixões, dos sentimentos, da aprendizagem, do conhecimento, da descoberta e da atividade, sendo que organiza os fenômenos complexos e determinados, definindo que os processos individuais internos se desenvolvem a partir do convívio humano (PANIZZI, 2010).

A temática dos sentimentos e das emoções de uma forma muito própria dele, buscando examinar a fundo as teorias já estudadas sobre o tema. Assim, seus escritos sobre emoção e afetividade apesar de dispersos e incompletos, são extremamente interessantes, pois refletem uma abordagem crítica (OLIVEIRA; REGO, 2003).

O processo afetivo tem início no núcleo familiar, em seguida na escola e nos outros meios sociais que a criança começa a frequentar, quando ela é tratada com afeto pela família e pelos que vivem em sua volta, favorecendo seu desenvolvimento (ANDRADE, 2007).

A emoção é o primeiro vínculo que possa existir entre os indivíduos, pois é essencial perceber os gestos, as mímicas, o olhar, a expressão facial, que são características da atividade emocional (WALLON, 1968).

Portanto, a criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, relacionando-se ativamente com objetos e pessoas, sendo que essa interação direta com o ambiente permite que a criança

construa estruturas mentais, adquirindo várias formas de executá-las (NICOLAU, 1989).

Assim, a afetividade é o motor da conduta humana, direcionando as pessoas bem como as motivando para o desempenho de uma função num contexto e num momento (NERY, 2003).

O termo afetividade é amplo e complexo, abrangendo ações como emoção, sentimento e a procura de um encontro do indivíduo com o mundo que o rodeia, sendo considerada a afetividade uma habilidade que se desenvolve apenas com a vivência do indivíduo (OLIVEIRA; REGO, 2003).

Enfim, entre a afetividade e a inteligência há uma integração que as favorece conviver juntas, mas a afetividade e a inteligência, que não surge de repente e nem se mantém imutável, pois conforme a criança cresce, as necessidades afetivas passam a ser cognitivas (ALMEIDA, 1999).

As crianças precisam ter a oportunidade de desenvolver sua afetividade, sendo que é preciso favorecer condições para que seu emocional se desenvolva expandido, ganhando espaço (ARANTES, 2002).

Já a falta de afetividade promove a rejeição aos livros, a falta de motivação para aprender e crescer, por isso aprender deve estar relacionado ao ato afetivo, precisando ser gostoso e prazeroso para a criança (ROSSINI, 2001).

A afetividade é considerada como base da vida, pois se o ser humano não está bem afetivamente, suas atitudes como ser social estarão comprometidas, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da afetividade humana, independentemente da idade, sexo e cultura (ROSSINI, 2003).

Torna-se evidente que o desenvolvimento da criança é o resultado da interação de seu corpo com objetos de seu meio, com as pessoas com quem se relaciona e com o mundo onde cria ligações afetivas e emocionais (OLIVEIRA, 2006).

Ao considerar que o processo de aprendizagem acontece a partir de interações constantes entre as pessoas em uma relação vincular, é através do outro que a criança passa a ter novas formas de pensar e agir, que passa a apropriar-se ou construir seus novos conhecimentos (TASSONI, 2010).

Cada etapa da afetividade se refere às emoções, o sentimento e a paixão, analisando que eles permitem o desenvolvimento de determinadas capacidades, pois a partir delas se pode perceber o estado de maturação. Por isso, as habilidades que são adquiridas na área da racionalidade colaboram com o desenvolvimento da afetividade (ALMEIDA, 1999, p. 90).

As aprendizagens acontecem primeiramente no âmbito familiar, e depois no social e na escola, percebe-se que há uma grande dificuldade quando acontece a separação da criança do meio familiar para o ambiente escolar (WEBER; AVIZ, 2006).

Então, a aprendizagem afetiva é aquela em que o aspecto afetivo-emocional tem participação ativa no processo aprendizagem e nos estados de aceitação, não aceitação ou de expectativa com relação a algo, não deixando de existir a participação cognitiva e de acordo com as circunstâncias, psicomotoras no momento (NÉRECI, 1985).

Esse tipo de aprendizagem tem relação com a construção da personalidade, devido às direções filosóficas, religiosas, políticas, morais, estéticas, tudo isso está relacionado com afetividade (NÉRICI, 1985).

O aprendizado emocional do ponto de vista socioeconômica é constante e co-construída, o dinamismo e as contradições que pertencem ao sócio dinâmico da matriz de identidade não admitindo fases estanques do desenvolvimento infantil (NERY, 2003).

Nos dias atuais há uma perspectiva sociocultural a respeito da pré-escola, denominada como Educação Infantil, sendo que ela desempenha uma função de grande relevância dentro da educação, a qual permite que a criança passe a reconhecer a si mesma e ao outro (KRAMER, 1999).

Além de perceber que é parte integrante do seu universo, elaborando novos conhecimentos e socializando com outras pessoas, reconhecendo suas emoções e sensações que aparecem das diversas situações experimentadas por ela (ANDRADE, 2007).

Portanto, esses conhecimentos que a criança passa a adquirir são importantes porque colaboram com sua formação, sendo necessário considerar que nessa fase a criança passa a ter compreensão de liberdade e autonomia (SOUZA, 2003).

A Educação Infantil assume mais espaço a cada dia, seu trabalho tem sido de grande valia para o desenvolvimento com a criança, a qual norteia todas as ações da Educação Infantil de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que sugere que os conteúdos e as atividades realizadas nas creches e pré-escolas estejam relacionados com o dia-a-dia da criança (BRASIL, 1998).

A Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional lei nº 9396 de 20 de dezembro de 1996 no que se refere à Educação Infantil, consta que no art. 29:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Por isso é muito importante na Educação Infantil que exista um processo de relação interpessoal entre professor e aluno, pois em função dessa convivência, ocorre a proximidade afetiva tão necessária para as interações do cotidiano, colaborando com a construção de um conhecimento envolvente (ROSSINI, 2001).

A criança tem a necessidade de sentir-se acolhida, amada, protegida, aceita e compreendida, dessa maneira poderá despertar para o conhecimento e o aprendizado. Assim, o educador é o responsável por organizar e construir o desejo pela investigação e pela vontade das crianças em aprender novas coisas (CHARDELLI, 2010).

O profissional da educação precisa ter percepção e sensibilidade no que se refere à relação dos interesses das crianças, já que em cada idade e em cada fase, se distinguem pelo comportamento, pensamento e modo de sentir o mundo (MARCHAND, 1985).

Portanto, é imprescindível ter um professor com a consciência de sua importância, pois ele não é apenas um transmissor e reproduzidor do conhecimento, mas tem que estar consciente de que a ele cabe à função de transformar, sendo importante possuir uma visão sócia crítica da realidade (LIBÂNEO, 1994).

Realizar um trabalho com crianças exige sensibilidade por parte do educador e uma análise reflexiva a respeito de como cada um aprende, como adquirir sua

habilidades e as dificuldades e cada uma delas, conhecendo seus alunos, sabendo por onde começar o seu trabalho a partir da realidade de cada criança (WEBER; AVIZ, 2006).

No início da escolarização, a adaptação escolar é motivo de varias angustias e geradora de muita insegurança por parte dos indivíduos envolvidos nesse processo, os quais acabam se vendo obrigados a atender as exigências tanto dos pais quanto dos educadores (BRASIL, 1998).

Portanto, torna-se preciso ter atenção na idade pré-escolar, pois na primeira infância os sentimentos imperam em todos os aspectos da vida da criança, atribuindo cor e expressividade a essa vida (ROSSINI, 2003).

O professor precisa conhecer seus alunos, suas necessidades. É necessária sim uma grande dose de afeto, de empatia e de segurança. Caso contrario as pessoas não falam não se libertam, não conseguem transpor barreira nenhuma de timidez, que pode não estar presente em todos os alunos, mas em muitos deles (KRAMER, 1999, p. 67).

Então, o professor é considerado o grande responsável pelo processo educacional, sendo ele a alma de qualquer instituição de ensino, sendo que na prática pedagógica surge entre professor e aluno sentimentos de atração ou de repulsão (MARCHAND, 1985).

Esses aspectos sentimentais têm o poder de influenciar a metodologia podendo alterá-la, causando no aluno grandes transformações afetivas que podem ou não ser desfavoráveis ao ensino (MARCHAND, 1985).

Assim, quanto mais o educador se apresenta aberto para a criança, isso a deixa mais a vontade, com maior chance dele conhecer essa criança, criando uma afetuosa relação entre eles (ALMEIDA, 1999).

O professor auxilia seu aluno, observando como é seu comportamento frente a alguma dificuldade, como as soluciona, estando atento à sua autoestima, a reação que ele demonstra, contribuindo com a melhora da autoestima do aluno, desenvolvendo a expressão de sentimentos (KRAMER, 1999).

Na Educação Infantil há a necessidade de se manter a serenidade por parte do educador e do aluno, já que a serenidade e a calma do educador, mesmo que em situações difíceis, são essenciais para a criança (MARCHAND, 1985).

Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, permite a criança ser continente de seus próprios sentimentos, conflitos e raivas, elaborando-as sozinha ou em parceria como educador (ALMEIDA, 1999).

2.1. A Afetividade sobre a visão de Wallon

Wallon esclarece a afetividade como sendo indispensável no processo de desenvolvimento da personalidade, criando uma teoria de função da afetividade definida como teoria da emoção e do caráter, pois com o desenvolvimento da criança a afetividade torna um domínio funcional sendo que esta se apresenta como a primeira etapa que a criança percorre (LATERRASE, 1981 apud ALMEIDA, 1999).

Ao considerar que o recém-nascido passa por um período destinado para si mesmo, este descobre e exercita suas habilidades, ao passar por esse período estabelece suas atividades de relação (WALLON, 1995).

Conhecendo e descobrindo o mundo a sua volta, os gestos dos lactentes são transformados em significado de comportamento e seus gestos expressivos, a relação entre o meio e as pessoas, ocorrem pela questão da própria sobrevivência, ou seja, a afetividade antecede a inteligência (WALLON, 1995).

No que se refere aos gestos de expressão, estes vão aparecer desde o pré-natal desenvolvendo-se gradativamente, os gestos de expressão são desde o principio carregados de afetividade, segundo Wallon (1995 apud Almeida, 1999):

No recém-nascido, os movimentos assemelham-se a simples descargas ineficientes de cargas de energia muscular, onde se misturam sem se combinar, reações tônicas e clônicas, espasmos e a brusca expansão de gestos não coordenados, de automatismos ainda sem aplicação, como sejam os movimentos de pedalada já observáveis nas primeiras semanas. Um modo de expressão que permanece completamente afetivo, mas cujas variações podem responder a toda a gama de emoções e, por seu intermédio, a situações variadas, das quais a criança toma assim uma consciência talvez confusa e global, mas veemente (WALLON, 1995 apud ALMEIDA, 1999, p. 69).

Compreende-se que a criança antes mesmo da comunicação não verbal passa inicialmente por uma comunicação que tem por fundamento o tônus. Enfim, o lactente através dos gestos e expressões, transmite uma linguagem não verbal para conseguir ter uma relação físico e humana com o meio (DANTAS, 1992).

Nas relações familiares é importante por possuírem um papel fundamental de ordenação para a vida da criança, o laço dessa relação contribui para formação do indivíduo em um ambiente físico e humano, ou seja, que se não existisse essa relação familiar não haveria a evolução, que podem construir a natureza humana, que pensa que sente e movimenta o mundo material (WEBER; AVIZ, 2006).

Para a formação do indivíduo, de acordo a teoria do desenvolvimento da inteligência, a afetividade e a inteligência são parceiros inseparáveis na evolução psíquica, já que ambas ajudam no desenvolvimento das crianças (DANTAS, 1992).

Por isso, fica mais claro sobre a teoria do desenvolvimento da personalidade dentro da inteligência da criança, a qual:

[...] em grande parte, é função do meio social. Para que ela possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio. Constituem seus objetivos a aquisição ou o desenvolvimento de noção e de conhecimento existentes fora do indivíduo e que representam o patrimônio do grupo (WALLON, 1995, apud ALMEIDA, 1999, p. 73).

Para a formação da criança e da sua personalidade para o meio social, Wallon destaca as emoções como o ponto principal para que tal desenvolvimento aconteça, intercalando com as emoções dentro do espaço escolar (WEBER; AVIZ, 2006).

2.2. O professor e sua influencia nas relações afetivas

O professor em sala de aula tem muito mais poder que o livro, pois é a ele que compete a qualidade de diálogo que deve existir com seu aluno, permitindo que haja entre eles uma relação, um laço de afetividade (MARCHAND, 1985).

Não havendo uma relação de afetividade entre professor e aluno é evidente que o ato de educar acabe por não se efetivar, sendo que pode existir uma fixação do conteúdo, mas não existirá uma aprendizagem significativa (NÉRECI, 1985).

O professor não deve apenas transmitir conhecimento, mas deve ser uma parte essencial para seu aluno, alguém que marque sua vida, assim preparando literalmente esse aluno para o futuro para um processo de ensino aprendizagem que esteja presente por toda sua vida (NICOLAU, 1989).

Portanto são importantes que o professor seja motivador e encorajador de seus alunos, colaborando para a melhora de sua autoestima, contribuindo para que eles no futuro possam superar todo, já que é essencial que o professor tenha uma relação interativa com seus alunos, pois isso facilita a aprendizagem (ALMEIDA, 1999).

Os alunos são o reflexo do trabalho do seu professor, mas para que ele possa desempenhar adequadamente seu papel, não basta apenas ele ter uma formação universitária e sim uma formação contínua, pois o professor precisa compreender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, sonho, afeto e a vida (NERY, 2003).

Portanto, tudo que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor, já que ninguém tem como amar aquilo que não conhece, o aluno precisa ser amado e compete ao professor fazer isso, sendo que ele precisa quebrar todas as

barreiras, trabalhando suas limitações juntamente com a dos seus alunos (NERICI, 1985).

De acordo com Wallon (1995) a formação psicológica do professor não pode estar apenas voltada para os livros, ela deve ser uma referência constante nas experiências pedagógicas que o próprio professor pode executar.

Portanto, o professor precisa estar aberto às relações de querer bem. Isso não significa que ele deva querer bem todos os alunos da mesma forma, mas não pode deixar que sua afetividade interfira na realização do seu papel como professor (NERICI, 1985).

Compete ao professor tratar o aluno com o afeto, mas isso não quer dizer que ele tenha que ficar abraçando, beijando ou tentando agradá-lo de todas as maneiras, mas ter atitudes que não sejam indiferentes, pois a indiferença representa a falta de afetividade, já que a capacidade de sentir é o que faz o ser humano ter a capacidade de modificar sua realidade (ALMEIDA, 1999).

A criança demonstra interesse por aprender a partir do momento em que ele estabelece vínculos, podendo haver uma troca e a confiança que se faz necessária para o processo ensino aprendizagem (MARCHAND, 1985).

Dessa maneira é evidente que as relações sociais e afetivas no que se refere à aprendizagem, sejam os pontos que norteiam tais relações contribuindo assim, com o sucesso ou fracasso da criança no seu processo de desenvolvimento (ANDRADE, 2007).

2.3. A Afetividade e desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos

Piaget defende a ideia de que a criança passa por diferentes estágios de desenvolvimento, que correspondem ao surgimento de diferentes estruturas mentais

e diferentes perspectivas a partir das quais a criança compreende o mundo e nele atua (SOUZA, 2003).

No que se refere aos aspectos de inteligência e afetividade nos estágios de desenvolvimento estudado por Piaget, a inteligência começa com as montagens hereditárias relativas aos reflexos e aos instintos, e, da mesma forma, os sentimentos possuem também montagens hereditárias relativas às tendências instintivas e emoções primárias (ARANTES, 2002).

O desenvolvimento cognitivo está relacionado com as montagens hereditárias que sofrem a interferência da experiência do ambiente, de onde surgem os primeiros hábitos e percepções diferenciadas (SISTO & MARTINELLI, 2006).

Quanto à afetividade, nota-se o surgimento de afetos perceptivos que se resumem aos prazeres e às dores ligados às percepções e aos sentimentos de agrado ou desagrado (SOUZA, 2003).

O universo físico da criança apresenta conquistas que ocorrem tanto no plano cognitivo como no afetivo, pois a explicação cognitiva considera os elementos afetivos como complementares e essenciais (WADSWORTH, 1996).

As condutas relacionadas aos objetos e às pessoas, sendo que cada uma possui um aspecto afetivo (energético) e outro estrutural (cognitivo) então é perceber a importância da dimensão afetiva no desenvolvimento e nas condutas humanas (SOUZA, 2003).

Compreende-se que as crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas, mas para explicar os estágios de desenvolvimento cognitivo e afetivo (ARANTES, 2002).

Torna-se necessário destacar a importância da dimensão afetiva para o ser humano, que traz a explicação de como as crianças constroem e adquirem conhecimento em cada estágio de desenvolvimento intelectual da criança bem como o desenvolvimento afetivo (WADSWORTH, 1996).

Assim, as ações das crianças sobre os objetos e as interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento, caso aconteça algum bloqueio por parte, causa e razão afetiva, o conhecimento encontra obstáculos para se 'efetivar' (SOUZA, 2003).

Piaget aponta quatro estágios de desenvolvimento, sendo eles: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal, mas para a compreensão do desenvolvimento afetivo nos estágios de desenvolvimento sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e formal (WADSWORTH, 1996).

É de importância saber que o desenvolvimento ocorre como um fluxo constante de forma cumulativa, em que cada nova etapa é construída sobre as etapas anteriores, integrando-se a elas se uma etapa não se concretiza, a próxima pode também (e é muito provável) não se concretizar (WADSWORTH, 1996).

Portanto, no plano cognitivo, a criança deve passar pelos estágios de desenvolvimento na mesma ordem, mas a velocidade com que elas passam por esses estágios pode não ser igual em virtude de fatores experienciais ou hereditários (ARANTES, 2002).

Assim, os aspectos afetivos influenciam o desenvolvimento intelectual, sendo que podem acelerar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento, podendo determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará, ou seja, eles não modificam as estruturas, mas influenciam quais estruturas modificar (SISTO & MARTINELLI, 2006).

Sabe-se que o comportamento é influenciado pela afetividade, pois a criança que gosta de matemática, por exemplo, faz rápidos progressos; a criança que tem interesse progride, ou seja, uma irá mais rápido do que a outra, mas para ambas as estruturas não se modifica (SISTO & MARTINELLI, 2006).

O desenvolvimento intelectual com seus dois componentes, afetivo e cognitivo, sendo englobada a motivação e seleção da atividade intelectual, já que o desenvolvimento afetivo acontece paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade (ARANTES, 2003).

No que se refere ao raciocínio das crianças sobre questões morais, considerando um dos aspectos da vida afetiva, percebe-se que os conceitos morais são construídos da mesma forma que os conceitos cognitivos, ou seja, os mecanismos de construção são os mesmos (ANDRADE, 2007).

Ao refletir sobre que o período sensório-motor, o qual é o foco desse estudo, abrange desde o recém-nascido até por volta de 2 anos de idade, sendo que este antecede o surgimento da linguagem (SOUZA, 2003).

Compreende que este é o período pelo qual a criança constrói as categorias de tempo, espaço, objeto e causalidade, a criança começa a conquistar o mundo exterior, sendo considerada como o estágio da inteligência prática, ligada ao mundo concreto, imediata, sem a existência de palavras, conceitos ou representação (WADSWORTH, 1996).

O primeiro mês de vida de um bebê é um período de atividade reflexiva indiferenciada, um período dominado por impulsos reflexos e instintivos com os quais buscam alimentação e a libertação de desconfortos, não há sentimentos verdadeiros (WADSWORTH, 1996).

No decorrer do estágio sensório-motor, os sentimentos se desenvolvem e ao final do estágio os sentimentos afetivos das crianças, o afeto é associado com reflexos, sendo que isso não muda até o quarto mês de vida, pois o corpo do bebê permanece o foco de toda atividade e afeto porque ainda não diferencia o eu como um objeto distinto dos outros objetos (SOUZA, 2003).

Depois desse período a criança começa a apresentar um comportamento dirigido que já passa a ser intencional, evoluindo de um comportamento baseado em uma repetição de eventos, no qual as intenções só se estabelecem durante as repetições do comportamento para uma intencionalidade presente no início da ação (WADSWORTH, 1996).

Assim, a evolução em função da ação das crianças sobre o meio resulta em assimilações e acomodações que, por sua vez, resultam em mudanças qualitativas e quantitativas dos esquemas (PIAGET, 1990).

No decorrer do segundo ano de vida os sentimentos começam a ter um papel na determinação dos meios usados para alcançar os fins, pois as crianças começam a experimentar sentimentos de satisfação ou desapontamento ligados à ação (SOUZA, 2003).

Existe o surgimento de sentimentos de afeição a outras pessoas, dando início ao intercâmbio social da criança, já que a criança de dois anos esta final do período sensório-motor é afetiva e cognitivamente muito diferente do recém-nascido (PIAGET, 1990).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração do presente trabalho foi realizado uma revisão bibliográfica, sendo que para a construção do presente texto foram selecionados textos de autores renomados na área, artigos nacionais retirados das bases de dados da Scielo e Google Acadêmico, os artigos e livros apresentados foram entre 1971 e 2006.

Assim, o critério escolhido para determinar dos artigos e livros a serem utilizados na elaboração deste se baseou em autores aqui apresentados, considerando que muitos deles foram produzidos há anos atrás, eles continuam sendo de grande relevância até os dias atuais, considerados significativos para elaboração deste.

As palavras-chave utilizadas no idioma português foram os seguintes: afetividade, desenvolvimento, Educação Infantil. Os mesmos termos traduzidos para o inglês.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os estudos realizados para a elaboração deste trabalho evidenciou a importância da afetividade como uma ferramenta facilitadora e indispensável para o desenvolvimento da criança,

Com isso entende-se que a afetividade na Educação Infantil considerando o professor como mediador contribui para que ocorram muitas conquistas dentro da sala de aula.

Sabe-se que todo indivíduo necessita de afeto, por isso que na Educação Infantil a afetividade é essencial, pois a própria relação entre o professor e o aluno somente acontece a partir das relações afetivas.

Ao professor compete fazer uso de uma prática pedagógica afetiva, sendo que com isso não estimule somente a afetividade, mas também o cognitivo e social do aluno. Cury (2008) coloca que:

[...] a afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores, apesar de suas dificuldades são insubstituíveis, por que a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruísta, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos (CURY, 2008, p. 48).

Esse autor explica a importância da atuação do professor como um profissional, que independente de suas dificuldades, se faz necessário, sabendo

que sua presença pode transformar de forma especial na vida de seus alunos, em especial na Educação Infantil, pois ele é exemplo de sua conduta até mesmo no andar e falar.

Educadores precisam compreender que o ato de ensinar requer afeto, quando há prazer em aprender, com certeza aprende-se melhor.

A Pedagogia afetiva é uma prática que os educadores precisam exercer, já que os sentimentos e emoções do aluno devem ser levados em consideração, pois podem ou não favorecer o desenvolvimento integral da criança.

O professor deve estar sempre aberto às relações de querer bem, mas isso não significa que ele precisa querer bem todos os alunos igualmente, mas não pode deixar que sua afetividade interferisse na realização do seu papel como professor, deve dar abertura para o querer bem, o que significa estar disponível para a alegria, afeto e o amor, em todas suas ações direcionadas os seus alunos, inclusive na Educação Infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como a criança desenvolve sua afetividade é essencial para que o professor possa realizar um trabalho produtivo com sua turma. Tendo em vista, que na Educação Infantil, as relações afetivas são de extrema importância, já que a criança precisa ter confiança no adulto que esta com ela.

Assim, os estudos realizados sobre alguns autores como Wallon, Piaget, Kramer, Marchand, entre outros, evidenciam como e de que maneira a afetividade começa a se desenvolver, inclusive com a colaboração dos jogos simbólicos que oportunizam esse desenvolvimento.

Por isso Wallon afirma que as crianças apresentam ter corpo e emoções, sendo que essas dimensões precisam ser valorizadas no ambiente escolar, em especial na Educação Infantil, já que sua teoria aponta que o desenvolvimento intelectual engloba mais do que seu cérebro, envolvendo sua psicogênese completa.

É importante para o processo de ensino aprendizagem que a criança perceba que o professor se importa com ela, pois a criança precisa acreditar em si, no professor, na escola e nos colegas, sentindo-se acolhida, protegida, aceita e respeitada, em especial na faixa etária de 0 a 2anos. Portanto, a maneira que o professor influencia a motivação, a afetividade e a dedicação do aluno ao seu aprendizado.

Conclui-se que o professor assume um papel importante para o desenvolvimento do aluno, sendo que ele é o mediador nesse processo e não apenas o único possuidor do conhecimento.

Através da afetividade o professor pode influenciar no aprendizado de seu aluno, pois é a forma como ele age com a criança, a partir dos seus sentimentos que atinge o aluno, favorecendo a aprendizagem dos mesmos.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **Emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ANDRADE, Agivanda Soares de. **A influência da afetividade na aprendizagem**, 2007. Disponível em: http://www.arteterapiadf.com.br/textos/monografia_completa.pdf. Acesso em 19/07/2014.

ARANTES, V. A. A afetividade no Cenário da Educação. In: OLIVEIRA, M. K; SOUZA, D. T; REGO, t. (ORGS) **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BEARD, Ruth Mary. **Como a Criança Pensa**: a psicologia de Piaget e suas aplicações educacionais. São Paulo: Ibrasa, 1978.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasil. MEC-SEF, 1998.

CHARDELLI, Rita de Cássia Rocha. **Brincar e ser feliz**. Disponível em: <http://7mares.terravista.pt/forumeducacao/textos/textobrincareserfeliz.htm>. Acesso em 12/07/2014.

CURY, A. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DANTAS, H. **Do ato moto ao ato mental: a gênese segundo Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

KRAMER, Sonia et al (Org.). **Infância e educação infantil**. São Paulo: Papiros, 1999.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. Tradução de Maria Lúcia Sedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; Direção da Coleção Fanny Abromovich. São Paulo: Summus, 1985.

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Educação e Ensino**. São Paulo: Ibrasa, 1985.

NERY, Maria da Penha. **Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2003.

NICOLAU, Marieta, L. M. **A educação pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1989.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Transmissão dos sinais emocionais pelas crianças. In: SISTO, F. Martinelli, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006.

PANIZZI, Conceição Aparecida Fernandes Lima. **A relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13.pdf>. Acesso em 22/08/2013.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: LCT, 1971.

_____. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Epistemologia Genética.** Martins Fontes São Paulo, 1990.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva.** 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SISTO, F.F. & MARTINELLI, S.C. **Afetividade e dificuldades de Aprendizagem - uma abordagem psicopedagógico.** São Paulo: Vetor, 2006.

SOUZA, M. T. C. C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget *in*: ARANTES, V. (org) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 53– 69 2003.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2019t.pdf>. Acesso em 19/07/2014.

WADSWORTH, B.J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1996.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa-Portugal: Edições 70, 1995.

WEBER, Marisa Regina; AVIZ, Denise Stollmeier de. A afetividade na aprendizagem: A importância do educador, da família, da escola e o papel da afetividade na alfabetização. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3 n. 9 - jul./dez., 2006. Disponível em: www.icpg.com.br. Acesso em: 18/07/2014.